

REPÚBLICA

SÃO PAULO/BRASIL

## ENERGIA NUCLEAR

Um alemão na CPI,  
sem entender nada

O debate político o deixou perplexo

LUIZ AUGUSTO GOLLO, de Brasília

O físico alemão Erwin Becker, inventor do processo de enriquecimento de urânio a ser utilizado em nossas usinas nucleares — o de jatos centrifugos (jet nozzle) — veio de seu país especialmente para depor na sessão de ontem da CPI do Congresso que investiga o acordo nuclear Brasil-Alemanha. E não deve ter entendido nada. Depois de trinta minutos de exposição eminentemente técnica sobre as vantagens de seu processo, Becker se viu diante de debatedores mais interessados nos aspectos econômicos e políticos do acordo do que em seu trabalho propriamente dito.

O depoimento de Becker acabou por provocar um incidente apenas contornado pela interferências dos senadores Itamar Franco (MDB-MG), presidente da CPI nuclear, e Dirceu Cardoso (MDB-ES) — este o maior interessado no assunto. O cientista Mário Schemberg, presidente da Associação Brasileira de Físicos, ocupou o microfone por longos minutos, perguntando a Becker vários pontos que preocupam os físicos brasileiros. A certa altura, foi interrom-

pido pelo relator da comissão, senador Milton Cabral, que, com a elegância possível, pediu-lhe que formulasse somente questões técnicas ao depoente. Schemberg considerou a interferência do senador "um abuso". Chamou-o de censor. E ameaçou deixar o auditório, só não o fazendo, quando já alcançava a porta principal, graças à mediação dos dois senadores oposicionistas.

As explicações de Erwin Becker, como não podia deixar de ser, foram amplamente favoráveis ao método que está desenvolvendo, e cuja primeira aplicação mundial ocorrerá entre nós. "A construção de uma usina nas proximidades de uma das grande hidrelétricas brasileiras permitirá obter custos energéticos relativamente baixos", disse o cientista alemão. "A usina", disse Becker, "poderá suprir continuamente dez a doze reatores nucleares de grande porte. Assim, ela atenderá não somente à demanda brasileira por um longo período, como também oferecerá capacidade disponível para dar início à exportação de urânio enriquecido."

Justamente este ponto — a possibilidade de exportação de urânio pelo Brasil — foi refutado pelo físico Mário Schemberg, logo no início de sua intervenção. Segundo Schemberg, o Brasil não terá liberdade para negociar seu urânio enriquecido, pois o acordo prevê que um quinto do produto deve ser exportado à Alemanha. Becker tentou explicar que o Brasil venderá tecnologia e não produto e que, mesmo assim, restar-lhe-ão 80% para fazer o que bem entender. Neste particular, foi ajudado pelo presidente da Nuclebrás, Paulo Nogueira Batista, a seu lado na mesa.

Schemberg, de qualquer forma, não se sentiu satisfeito com as explicações do cientista alemão. Fusão ou fissão? — perguntava-se o físico brasileiro, francamente favorável à primeira, pela menor quantidade de lixo atômico resultante do processo de enriquecimento de urânio. Becker prefere a fissão, e argumentou que o lixo atômico não será problema. "Sempre prometem uma solução, esses técnicos", retrucou Schemberg, "mas ela nunca aparece."

Maluf diz  
que ameaças  
são contra  
a tradição

«Um fato que contraria a tradição da família brasileira». Esse foi o único comentário do governador Paulo Maluf sobre as ameaças a intelectuais e cientistas assumidos pelo chamado Movimento de Reorganização do Nazismo, que acredita o governador, não merecem consideração de sua parte.

Maluf fez essas declarações durante as solenidades do Dia do Aviador. E no mesmo ato, o delegado Romeu Tuma, do DOPS, disse que está investigando as denúncias para conferir «se existe de fato esse movimento nazista ou se é alguém que quer incomodar».

Tuma chegou mesmo a afirmar que a divulgação das ameaças feitas por telefone a diversos intelectuais e artistas brasileiros — houve também uma agressão à esposa do físico Mário Schemberg — pela imprensa pode criar «um espírito de emulação».

E não deixou de lado a hipótese de ser tudo o que definiu como «brincadeira de mau gosto». Ele já designou dois delegados para investigar o caso, mas disse que não há nada de concreto, até o momento.

A Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo, por sua vez emitiu uma nota oficial que repudiava as ameaças e diz que essas «vozes ameaçadoras contra a própria vida de nossos colegas» são exemplos «de desespero das mais retrógradas expressões antidemocráticas», acrescentando: «Exigimos das autoridades do país uma posição inequívoca diante de fatos tão graves».